

## DIÁRIO DE LEITURA: EXPRESSANDO A SUBJETIVIDADE LEITORA NA ESCOLA

Patrícia Cardoso Batista<sup>1</sup>

Para a participação na mesa *O diário de leitura: experiências diversas*, refleti sobre a minha prática pedagógica e o meu trabalho com a leitura literária durante esses dois anos atuando na disciplina de Língua Portuguesa em uma escola particular. Diante disso, voltei-me para os desafios de trabalhar com a literatura na escola e para necessidade de pensar em novas estratégias e instrumentos para promover a leitura numa perspectiva subjetiva, que considere o aluno-leitor como um ser ativo e singular, como o diário de leitura.

Nesse sentido, é importante ressaltar que durante o meu trabalho com o texto literário no ambiente escolar, me deparei com diversas práticas leitoras consolidadas que os alunos vinham participando durante muito tempo, como a realização de resumos ou prova do livro, que são atividades que colocam a leitura com mais uma atividade obrigatória e imposta pela escola, que desconsidera todo o percurso feito pelo leitor no processo.

Na contramão dessas práticas, me comprometi a utilizar meus conhecimentos teóricos sobre a formação leitora e o ensino de leitura para pensar em novas estratégias para substituir os “velhos hábitos”. Para tanto, apoiei-me nos pressupostos teóricos e metodológicos de Jouve (2013), que ressalta que a subjetividade é constitutiva da leitura; Rouxel (2012), para quem os diários de leitura permitem construir uma relação pessoal do sujeito-leitor com o texto literário; Colomer (2007), que defende o compartilhamento de leitura na sala de aula; Pastorello (2015), que argumenta que a leitura em voz convoca o ouvinte a buscar o texto.

Diante disso, neste trabalho, relato a minha experiência no 8.º ano com a aplicação de estratégias visando o engajamento dos alunos com o texto e o uso do diário de leitura. Logo, nas práticas promovidas busquei considerar a subjetividade leitora e dar espaço para os estudantes expressarem suas impressões pessoais

---

<sup>1</sup> Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [patty\\_jbt@hotmail.com](mailto:patty_jbt@hotmail.com)

sobre as obras lidas em sala e/ou individualmente, visando a construção de uma boa relação com a leitura literária.

A esse respeito, Jouve (2013, p. 53) defende que “toda leitura, [...] tem uma parte constitutiva de subjetividade [...] cada um projeta um pouco de si na leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si”. Para ele, o que toca e afeta o leitor diverge consideravelmente entre os indivíduos, pois somos seres únicos com histórias de vida diferentes. Por isso, uma mesma leitura pode evocar efeitos e impressões pessoais diferentes, e esses aspectos devem ser considerados no trabalho escolar.

Em consonância, Rouxel (2012) defende que na escola devemos promover a construção de uma relação pessoal entre aluno e livro, e considerar que a subjetividade do leitor vem à tona durante a leitura. Diante disso, a autora sugere a escrita do diário de leitura, pois nele o estudante pode dizer o que sentiu e envolver-se pessoalmente com o texto literário e retomar isso posteriormente, pois mais do que apreender a história, o objetivo é que se descubram enquanto leitores. Além disso, a escrita do diário introduz um espaço de liberdade ao discente para expressar suas impressões pessoais sobre o texto, e que se assemelha a leitura dita como cursiva.

Segundo Rouxel (2012), a leitura cursiva é autônoma e pessoal, e convida o sujeito-leitor a se identificar com a obra e apreendê-la de forma singular. Essa leitura parte do princípio de que “É pelo vínculo estabelecido entre o universo da obra e o universo do leitor que o ato de ler ganha sentido e se inscreve na vida do sujeito.” (ROUXEL, 2012, p. 281). Desse modo, o leitor relaciona o texto com a sua vida pessoal e o utiliza para pensar o mundo. Em vista disso, a autora defende que não se trata de desconsiderar a dimensão formal e objetivável do texto, mas de acolher os afetos provocados pelo texto.

Sendo assim, descreverei como a proposta com o diário de leitura foi desenvolvida em conjunto com as práticas promovidas em sala de aula.

O primeiro passo foi criar orientações para escrita do diário, pois os alunos estavam habituados a realizarem resumos do livro, por isso sentiram dificuldades em compreender o que poderiam registrar sobre sua leitura. Logo, para facilitar a escrita, esclareci aos discentes que poderiam explicitar: data de início e término da leitura; título da obra e informações sobre o autor; aspectos que mais chamaram a

**III ENSEL – ENCONTRO SOBRE ENSINO DE  
LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR:**

VEREDAS

3 e 4 de dezembro de 2020

atenção no texto, tais como: pontos fortes; citação interessante; análise crítica e conclusão.

Além disso, sugeri a realização de anotações antes, durante e depois da leitura. Antes da leitura indiquei o registro das primeiras impressões e expectativas, apontando se ficaram com vontade de ler o livro e o que acharam que trataria o texto. Durante a leitura propus que escrevessem tudo que julgassem interessante no texto e os sentimentos despertados. Ao final da leitura recomendei que expressassem o que sentiram ao terminar o livro, se consideraram que a leitura foi produtiva e o que fariam para a próxima pessoa que emprestaria aquele livro.

Ademais sugeri a realização de algumas atividades relacionadas a leitura e que poderiam ser registradas no diário, como: fazer uma lista com os livros que recomendaria para os amigos; desenhar o cenário de um livro lido recentemente; pedir indicações de livros para pessoas diferentes e escolher um para leitura; reescrever o final de um livro.

Em conjunto com a escrita do diário, promovi práticas leitoras visando o engajamento dos estudantes. A primeira delas foi a realização da leitura em voz alta, tendo em vista que segundo Pastorello (2015, p. 71), ela toca o outro, e que ao se sentir tocado o indivíduo tende a querer repetir a experiência que lhe propiciou prazer, assim, vai em busca do texto. Logo, observei que ao ler o conto *Tchau*, da Lygia Bojunga, os alunos ficaram interessados em conhecer os outros contos desse livro e ler outros textos da autora disponíveis na escola.

A segunda prática foi a realização do compartilhamento de leitura, que de acordo com Colomer (2007), citando o modelo do teórico Chambers (1993), consiste em compartilhar o entusiasmo, a construção de significado e as conexões que os livros estabelecem entre eles. Essa prática propiciou que os alunos debatessem suas opiniões e construíssem os sentidos da obra, uma vez que a partir do compartilhamento da leitura [...] torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido da obra e obter prazer de entender mais e melhor os livros. (COLOMER, 2007, p. 143).

Nesta experiência, percebi que os estudantes preferiam expressar oralmente suas opiniões antes e durante a leitura do livro, e escrevê-las no diário somente ao terminarem a obra. Logo, passei a flexibilizar a proposta para que não se tornasse mais uma atividade obrigatória. Desse modo, refleti que a escrita para os discentes

estava ligada a uma atividade escolar e o compartilhamento a uma prática prazerosa e socializadora. Nesse sentido, observei uma associação positiva dos alunos com práticas orais e aproveitei disso para promover a leitura em voz alta e compartilhamento.

Entretanto, com a suspensão das aulas presenciais em março de 2020, devido à COVID-19, a promoção do compartilhamento e a leitura em voz alta foram prejudicadas, pois, passamos a ter poucos momentos síncronos. Em vista disso, para dar continuidade as atividades no ensino remoto emergencial, passei a gravar em áudio a minha leitura em voz alta de contos e comecei posteriormente a indicar contos disponíveis em áudio na plataforma YouTube. Ainda, para a realização da leitura silenciosa em casa, mandei para os alunos obras físicas da biblioteca escolar e em formato PDF.

Quanto a escrita do diário de leitura, apesar da minha tentativa para os alunos expressarem mais sua subjetividade leitora, verifiquei que alguns ainda recorriam as antigas práticas, pois faziam o resumo do livro e poucas considerações pessoais. Todavia, a utilização desse instrumento também relevou aspectos interessantes sobre a relação dos estudantes com o texto, pois a partir dos relatos, observei que muitos estavam acostumados com os finais felizes e previsíveis, típicos dos contos de fadas. Então, as histórias indicadas se mostraram novidade para muitos educandos, pois no diário eles enfatizaram o incômodo com o final inesperado, muitas vezes, triste, mesmo assim, ressaltaram que foi o que tornou a leitura interessante. Desse modo, é indiretamente que os alunos foram descobrindo o que é literatura e que podem se surpreender com as histórias.

Diante disso, concluí que o diário de leitura representa um instrumento profícuo para a formação de leitores na escola, pois dá ao aluno um espaço para expressar sua subjetividade, impressões pessoais e singulares. Entretanto, pode demorar um tempo até os estudantes compreenderem que tem liberdade para expressarem esses aspectos da leitura em atividades promovidas pela escola.

Sendo assim, neste texto apresentei apenas de uma ideia inicial para o trabalho com o diário de leitura no ambiente escolar que precisa ser mais explorada e aprimorada, de modo que não se transforme em mais uma atividade obrigatória entre tantas outras que concernem uma visão negativa da literatura. Mas, que já

representa um avanço tendo em vista as práticas engessadas que vem sendo difundidas nos últimos anos.

Logo, fica claro a necessidade do professor de Língua Portuguesa pensar e repensar suas práticas a fim de promover a leitura literária na escola, considerando a subjetividade do estudante. Para isso, é preciso arriscar e testar diferentes teorias e adaptar a proposta conforme os alunos para contribuir para a construção de uma relação positiva com a leitura.

Portanto, a realização de práticas significativas é um desafio, mas os resultados são animadores, pois o que se busca é que ao final, os alunos sigam apreciando um autor, história ou a leitura no geral e leve isso para vida. Em vista disso, o diário mostrou-se um instrumento que pode contribuir para alcançar esse objetivo em conjunto com outras estratégias.

## REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. *Tchau*. 20. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2018.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

JOUVE, Vincent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide L. (org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 53-65.

PASTORELLO, Lucila Maria. Leitura em voz alta e produção da subjetividade. In: *Leitura em voz alta e produção da subjetividade: um caminho para a apropriação da escrita*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 55-76.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Tradução de Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. *Cadernos de Pesquisa*, [S.l.], v. 42, n. 145, p. 272-283. jan. /abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/15.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.